

Resenha

Jornalismo Móvel

Demétrio de Azeredo Soster¹

Resenha do e-book “Jornalismo Móvel”, de Fernando Firmino da Silva, que abriu a coleção Cibercultura, coordenada por André Lemos em parceria entre a Edufba e o Lab404 do PósCom/UFBa

Fernando Firmino da Silva, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), é referência mais que necessária, obrigatória, para quem pesquisa cibercultura; nela, jornalismo móvel, por pelo menos dois motivos. O primeiro, e mais imediato, diz respeito ao fato de a pesquisa de Firmino da Silva, cuja tese foi defendida em 2013 na Universidade Federal da Bahia (UFBA), ser pioneira ao observar o uso de dispositivos móveis na prática jornalística em uma época em que poucos falavam sobre o tema. Também porque é ele quem inaugurou, com o lançamento do e-book “Jornalismo Móvel”, a 31 de julho último, a coleção Cibercultura, coordenada por André Lemos em parceria entre a Edufba e o Lab404 do PósCom/UFBa, cujo objetivo é lançar, anualmente, dos e-books ligados à cultura digital.

Especificamente, sobre “Jornalismo Móvel”, que está disponível para *download* pelo <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18003>, como sublinhado na introdução, a obra explora, por meio de casos ilustrativos, o conceito, as controvérsias e outros aspectos relacionados ao jornalismo móvel por meio de uma perspectiva histórica que observa, na análise, os desdobramentos das tecnologias móveis digitais e das redes sociotécnicas vinculadas às mobilidades física e informacional. Trata-se, portanto, de abordagem relevante para se pensar a comunicação, e, nela, o jornalismo, com base em formas diferenciadas de produção, distribuição e consumo de informações cuja produção e circulação é realizada por meio de *smartphones*, *tablets* e *e-reader*, para ficarmos em três exemplos.

“Jornalismo Móvel” é dividido em quatro grandes eixos temáticos, para além da introdução, conclusão e referências: 1) O jornalismo móvel, 2) As tecnologias móveis digitais, 3) Era pós-PC: ubiquidade e nuvem de conexão, e, finalmente, 4) Estudos de casos. No primeiro momento – O jornalismo móvel –, busca-se um fechamento conceitual do tema, com ênfase principalmente na condição

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Coordena a Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas junto à SBPJor. Pesquisador e professor do Programa de Pós-graduação em Letras da Unisc e do Grupo de Pesquisa Leitura, Literatura e Cognição, da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Coordena o Grupo de Pesquisa Narrativas Comunicacionais Reconfiguradas, vinculado à linha de pesquisa Processos Narrativos, Comunicacionais e Poéticos, do PPG Letras da Unisc.

“mobilidade” em seu diálogo com a convergência midiática, nos moldes de Henry Jenkins.

O primeiro capítulo – O jornalismo móvel – é pensando (p. 12 e 13) a partir de três cenários: um primeiro, que considera sua expansão “uma nova relação” entre jornalismo e mobilidade com a apropriação dos territórios informacionais enquanto espaços para conexão e fluidez de conteúdos; um segundo, que estuda a contextualização do local de emissão por meio da geolocalização; e, finalmente, um terceiro que analisa o aspecto mobilidade daquele que consome as informações.

O capítulo “As tecnologias móveis digitais”, por sua vez, está arcado igualmente sobre uma tríade conceitual, ainda que não apenas, a partir de André Lemos (p. 20). Aqui, as mudanças decorrentes da expansão tecnológica da sociedade, com ênfase na tecnologia, são discutidas a partir do a) processo de reconfiguração da cibercultura, “que evita a ideia de substituição ou desaparecimento do anterior”; b) a liberação do polo emissor, ou seja, “a emergência de novas formas de produzir, compartilhar ou interagir com conteúdos antes restritos aos emissores dos meios de comunicação de massa e seus filtros” (p. 20) e, finalmente, c) lei da conectividade, mais “(...) diretamente relacionada à comunicação móvel no seu aspecto de ubiquidade e conexão por redes sem fio ou outras formas de comunicação entre máquinas ou pessoas”.

No terceiro e último capítulo, “Era pós-PC: ubiquidade e nuvem de conexão”, o argumento central (p. 26) é que o conjunto “(...) de tecnologias móveis e de redes sem fio propicia uma crescente reconfiguração dos processos jornalísticos na relação com a produção em campo onde a imediatismo, aliada ao acesso remoto de dados para apuração, complexifica a cultura jornalística com a incorporação de novas rotinas”. Muda, com isso, também, a relação com o público em pelo menos dois aspectos: este passa a demandar atualizações mais constantes e pode participar dos processos produtivos de forma ativa.

O quarto e último capítulo, por fim, é dedicado aos seguintes estudos de caso: a) *O Extra do Rio de Janeiro: repórter móvel* (p. 28); b) *NE10/JC Online: repórteres com smartphones e participação do público* (p. 30); c) *Mídias Ninja: smartphones na cobertura ao vivo das manifestações* (p. 33); d) *RBS/Zero Hora: jornalismo móvel e locativo* (p. 35); e) *O Globo a Mais: produção para tablets e smartphones* (p. 37), e, finalmente, e) *As controvérsias no jornalismo móvel e indicativos futuros* (p. 39).

Fernando Firmino da Silva é doutor em comunicação e cultura contemporânea pela Universidade Federal da Bahia e professor do Departamento de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba e professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba. É coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade (MobJor). Co-

laborador do Grupo de Pesquisa Lab404 – Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço e do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL). Pesquisador membro do Projeto Laboratório de Jornalismo Convergente da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. E-mail: fernando.milanni@globo.com.

RECEBIDO EM: 14/12/2015 ACEITO EM: 16/12/2015